

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

20 de Março de 2023

A CINEMATECA COM A MONSTRA – PIONEIROS DA ANIMAÇÃO JAPONESA

TSUKI NO MIYA NO ÔJOSAMA / 1934

“A Princesa no Palácio da Lua”

Um filme de Yasuji Murata

Argumento: / Imagem (35 mm, preto e branco): não identificado / Animação: não identificado / Música: Toiko Riki / Montagem e som: não identificados

Produção: não identificado / Cópia: dcp (transcrito do original em 35 mm), versão original com legendas em inglês e legendagem eletrónicas em português / Duração: 11 minutos / Estreia mundial: data não identificada / Inédito comercialmente em Portugal / Primeira apresentação na Cinemateca.

KUJIRA / 1952

“A Baleia”

Argumento: Noburo Ofuji / Imagem (35 mm, cor): não identificado / Animação: não identificado / Música: Setsuo Tsukahara / Montagem e som: não identificados.

Produção: não identificado / Cópia: dcp (transcrito do original em 35 mm), com legendas em inglês e legendagem eletrónicas em português / Duração: 8 minutos / Estreia mundial: data não identificada / Inédito comercialmente em Portugal / Primeira apresentação na Cinemateca.

KUMO NO ITO / 1946

“A Teia da Aranha”

Argumento: baseado numa história epónima (1918) de Ryonuseke Kutagawa / Imagem (35 mm, preto & branco), animação, montagem e som: não identificados / Música: um trecho de “O Pássaro de Fogo”, de Strawinsky

Produção: não identificado / Cópia: dcp (transcrito do original em 35 mm), versão original com legendas em inglês e legendagem eletrónicas em português / Duração: 10 minutos / Estreia mundial: data não identificada. / Inédito comercialmente em Portugal / Primeira apresentação na Cinemateca.

YÛRESEN / 1956

“O Navio Fantasma”

Filmes de Naburo Ofuji

Argumento: não identificado / Imagem (35 mm, cor) e animação: Naburo Ofuji / Música: Kogaburo Hiri / Montagem e som: não identificados

Produção: não identificado / Cópia: dcp (transcrito do original em 35 mm), versão original sem diálogos / Duração: 8 minutos / Estreia mundial: data não identificada / Inédito comercialmente em Portugal / Primeira apresentação na Cinemateca.

NANSENSU MONOGATARI DAI IPPEN SARUGASHIMA / 1930

“História Sem Sentido, vol. 1, A Ilha do Macaco”

Um filme de Kenzo Masaoka

Argumento: Hideo Shimizu / Imagem (35 mm, preto & branco): Eiji Ashiya / Animação: Kenzo Masaoka / Música, montagem e som: não identificados

Produção: Estúdio Sanko / Cópia: dcp (transcrito do original em 35 mm), mudo, com intertítulos em japonês legendados em inglês e legendagem eletrónica em português / Duração: 24 minutos / Estreia mundial: data não identificada / Inédito comercialmente em Portugal / Primeira apresentação na Cinemateca.

AVISO: TAKE NO ONO (“O Osso de Polvo”), de Yasuji Murata (1927), inicialmente previsto, não será apresentado. Pelo facto, as nossas desculpas.

Sessão com apresentação

Apesar do êxito internacional do cinema de animação japonês realizado nos últimos quarenta anos, que abrange filmes que vão desde as séries de televisão infantil até à pornografia (nada desprovida de humor), o cinema de animação japonês clássico permanece um território por assim dizer reservado aos especialistas do cinema de animação ou do cinema japonês de modo geral. Esta sessão permite-nos ter um breve panorama desta produção, com filmes realizados entre 1930 e 1956 de três realizadores da mesma geração (todos nascidos à roda de 1900, ou seja, ao mesmo tempo que o cinema), dois dos quais, Yasuji Murata e sobretudo Naburo Ofuji, são considerados mestres da animação japonesa. Com a exceção da cópia bastante má de **“A Princesa do Palácio da Lua”**, que abre a sessão e foi digitalizada sem passar por nenhum processo de restauro a julgar pela quantidade de riscos, as demais cópias são de excelente qualidade e qualquer espectador experiente sabe que ver um filme numa cópia toda riscada e vê-lo numa boa cópia é, até certo ponto, ver dois filmes diferentes.

Dos cinco filmes que compõem a sessão **“A Princesa do Palácio da Lua”** é aquele que parece ter sido mais diretamente destinado a um público infantil e é inclusive narrado em *off* (o que é raríssimo no cinema de animação) por uma voz infantil. A presença de animais antropomorfizados e a alegre música *jazzy* aproximam o filme da produção americana da época, porém o desenlace, um bailado livre de funções narrativas, afasta-o da produção americana, que raramente faz digressões puramente visuais, atendo-se a uma narrativa em estilo direto. O outro filme dos anos 30 a ter sido programado e o único mudo, **“História Sem Sentido – a Ilha do Macaco”** (que é a primeira parte de um filme de duas e deixa-nos num pequeno *cliffhanger*), também narra uma história em estilo direto, com começo, meio e fim, uma pequena fábula em que uma criança é criada por uma tribo de macacos (num rasgo de humor, o bebé é considerado pelo ancião da tribo como *“o nosso ancestral, ainda desprovido de rabo”*). O resultado é uma divertida história que é, de facto e como diz o título, *sem sentido*, no sentido em que joga com o *nonsense*, longe do teor pedagógico e da pequena lição de moral ou de vida que está por detrás de qualquer fábula. Baseado num conto de um escritor de grande prestígio, o que contribuiu provavelmente para cercá-lo de alguma aura de prestígio cultural, o terceiro e último filme a preto e branco do programa, **“A Teia de Aranha”** é uma fábula com todos os *ff* e *rr*, em que aquele que não quer compartilhar com os companheiros de infortúnio a possibilidade de evasão acaba por voltar a cair no inferno de onde a generosidade de Buda o retirara. Trata-se de um conto moral, em todo o caso com uma moral em que, sem afrouxar a linha narrativa, o realizador, Naburo Ofuji encadeia de modo musical algumas imagens, que se fundem e se enredam umas nas outras e também representa algumas figuras como se fossem silhuetas, sombras chinesas. Estas duas opções estéticas são retomadas com muito maior destreza e vigor nos dois outros filmes do realizador incluídos neste programa e os dois únicos a cor, **“A Baleia”** e **“O Navio Fantasma”**, sem dúvida os mais belos da sessão, não apenas devido à muito maior sofisticação técnica (elemento muito mais importante no cinema de animação do que naquele com pessoas), mas também ao facto de serem essencialmente excursos plásticos em que os elementos narrativos são simples pretextos para o desenrolar de elementos visuais. Os dois filmes são ligados ao elemento marinho e aos seus mitos (um monstro, um navio fantasma) e todos os movimentos se fazem de modo lateral e quase pendular. Todos os personagens, à exceção da baleia no primeiro filme, são mostrados sob a forma de silhuetas, talvez num eco aos trabalhos de Lotte Reiniger, o que acentua sua presença visual. Em **“O Navio Fantasma”** Naburi Ofuji consegue, sem quebrar a homogeneidade do filme, inserir flashbacks que recapitulam porque aquele navio tornou-se uma embarcação fantasma. Os dois filmes, sobretudo este último, são como música visual, em que tudo se encadeia de modo harmonioso, numa dança de imagens em que o realizador não perde jamais o sentido das proporções. Estes dois filmes são obras de maturidade, pertencem ao período final do percurso do realizador, que se estreara trinta anos antes e que, visivelmente, estava no apogeu dos seus meios.

Antonio Rodrigues